

Michael Barenboim

 GULBENKIAN
MÚSICA

23 SETEMBRO 2018



MECENAS
MÚSICA E NATUREZA



MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO



MECENAS
CICLO PIANO



MECENAS
CORO GULBENKIAN



MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



Michael Barenboim Violino

Pierre Boulez

Anthèmes I, para violino solo

Béla Bartók

Sonata para Violino solo, Sz. 117

Tempo di ciaccona

Fuga

Melodia

Presto

INTERVALO

Johann Sebastian Bach

Sonata para Violino solo n.º 3, em Dó maior, BWV 1005

Adagio

Fuga

Largo

Allegro assai

Pierre Boulez

Anthèmes II, para violino solo e eletrónica

Andrew Gerszo IRCAM Desenho Musical Computacional

Augustin Muller IRCAM Produção Musical Computacional

Jérémie Henrot IRCAM Engenheiro de Som

Desenho musical computacional desenvolvido no IRCAM
– Centre Pompidou



Duração total prevista: c. 1h 50 min.

Intervalo de 20 min.

Este concerto é gravado pela RTP – Antena 2

Pierre Boulez

Montbrison, 26 de Março de 1925
Baden-Baden, 5 de janeiro de 2016

Anthèmes I

COMPOSIÇÃO: 1991
ESTREIA: Viena, 18 de novembro de 1991
DURAÇÃO: c. 9 min.

Anthèmes II

COMPOSIÇÃO: 1997
ESTREIA: Donaueschingen, 19 de outubro de 1997
DURAÇÃO: c. 20 min.

Anthèmes 2
pour violon et dispositif électronique (1997)

Libre
Groupé
(♩ = 92)

Violon

Sampler

Synth

Perc

MR -4-12-242.0

INÍCIO DE ANTHEMES II © UNIVERSAL

O recital de hoje apresenta as duas versões de *Anthèmes*, de Pierre Boulez. A primeira foi escrita em 1991 e destinada ao Concurso Internacional de Violino Yehudi Menuhin. Como obra encomendada para um evento desse tipo, explora diversos aspetos técnicos e expressivos do violino, vistos através de um prisma contemporâneo. *Anthèmes I* foi dedicada a Alfred Schlee, diretor da editora vienense Universal durante mais de 40 anos, e estreada em Viena por Irvine Arditti. O título remete para um retorno dos motivos musicais enquanto matéria-prima, após um período de valorização do atematismo pelas vanguardas europeias. Assim, a obra desenvolve-se a partir de sete sons principais, que revolvem em torno de uma nota nuclear, permitindo explorar o timbre do instrumento a partir de variações constantes de pequenas células. O conjunto de sete notas em que se baseia *Anthèmes I* foi aproveitado de uma secção da obra *...explosant-fixe...*, escrita e reformulada entre 1971 e 1993. *Anthèmes I* encontra-se dividido em sete secções, definidas pela aplicação de algumas técnicas, revelando-se um mostruário da abordagem contemporânea ao violino solo. Na primeira secção, o compositor apresenta o material e

aproveita o ressalto do arco do violino tocando simultaneamente em duas cordas. A secção seguinte centra-se no recurso ao *sul tasto*, quando o arco é friccionado mais próximo da escala do instrumento. O *pizzicato* pontifica na secção seguinte, apresentando momentos de grande virtuosismo. A quarta secção foca-se no recurso ao *tremolo* com o arco usado sobre o cavalete do instrumento (*sul ponticello*). Friccionar duas e três cordas, mantendo um trilo na nota mais aguda, é o elemento fulcral da quinta secção. Na parte seguinte, o ataque das notas alterna entre a posição tradicional e o *sul tasto*. A obra termina com o recurso ao ressalto do arco em cordas dobradas, que mistura diversas formas de friccionar as cordas, com a madeira e com a crina do arco. Em *Anthèmes I*, virtuosismo e desenvolvimento motivico fundem-se numa obra de grande rigor e coerência.

Um desenvolvimento tecnológico que impulsionou as vanguardas musicais da segunda metade do século XX foi a aplicação de recursos eletrónicos à criação musical. A eletrónica permitiu a emergência de uma nova prática de composição. Contudo, os seus meios eram bastante limitados na fase inicial, sendo



PIERRE BOULEZ, ANDREW GERZSO E TOD MACHOVER NO IRCAM © DR

as obras realizadas e fixadas em fita magnética. Contudo, compositores e investigadores uniram-se para expandir essas potencialidades. Em França, destacou-se o IRCAM (Institut de recherche et coordination acoustique/musique), fundado em 1969 e dirigido por Pierre Boulez até 1992. Esse centro fomentou o desenvolvimento de novos meios e tecnologias da música, da síntese ao processamento de som, passando pela acústica e pela psicoacústica. Assim, Boulez usou e contribuiu para inovações que tiveram grande impacto na criação musical contemporânea. Desse processo resultou *Anthèmes II*. A obra é baseada no material musical de *Anthèmes I*, reescrita tendo em conta as potencialidades da eletrónica em tempo real. Nesse processo, um computador interage diretamente com o violinista. A obra *Anthèmes II* foi composta em 1997 e estreada a 19 de outubro desse ano, no Festival de Donaueschingen, um certame dedicado à nova música. O intérprete nessa ocasião foi Hae Sun Kang.

Até ao desenvolvimento da eletrónica em tempo real, os instrumentistas encontravam-se dependentes de uma banda magnética pré-composta. Assim, a interação entre música ao vivo e música gravada era bastante fixa.

Contudo, a informática musical permitiu a criação de mecanismos para tornar essa interação muito mais ativa, tendo no IRCAM um importante foco criativo. A instituição desenvolveu o Max/FTS, uma linguagem de programação dedicada ao multimédia baseada numa aplicação. Essa foi a plataforma usada por Boulez na criação de *Anthèmes II*, contando com a colaboração do técnico e criativo Andrew Gerzso. Nesse sistema, o computador é programado para seguir a obra e responder, de forma interativa, ao solista. Assim, assegura a ligação entre o violino acústico e os sons eletronicamente gerados. Por um lado, a manipulação dos harmónicos do violino permite o enriquecimento do timbre do instrumento. Paralelamente, o sistema gera melodias baseadas na *performance* do solista, criando uma textura contrapontística, por vezes assemelhando-se a um cânone. Assim, atualiza-se uma técnica secular através de novos meios. O computador é igualmente utilizado na criação e manipulação de sinal, de forma a criar um espaço sonoro multidimensional. As duas versões de *Anthèmes* encarnam dois momentos fulcrais do desenvolvimento da música contemporânea no final do século XX.

Béla Bartók

Nagyszentmiklós, 25 de março de 1881

Nova Iorque, 26 de setembro de 1945

Sonata para Violino solo, Sz. 117

COMPOSIÇÃO: 1944

ESTREIA: Nova Iorque, 26 de novembro de 1944

DURAÇÃO: c. 27 min.



BÉLA BARTÓK © DR

As sonatas e partitas para violino solo de J. S. Bach inspiraram outras obras para esse instrumento.

Entre as mesmas encontra-se a Sonata para Violino, de Béla Bartók. A obra foi escrita em 1944, quando o compositor se encontrava a residir nos Estados Unidos da América, após a saída da Hungria e da fuga ao Nazismo.

Nessa altura, foram detetados os primeiros sintomas da leucemia que o viria a vitimar no ano seguinte. A Sonata foi dedicada a Yehudi Menuhin (1916-1999), que a estreou em Nova Iorque em novembro de 1944. Estilizando a *suite* barroca numa perspetiva modernista, a peça encontra-se dividida em quatro andamentos nos quais se destaca a mistura do modalismo da música tradicional com elementos estilísticos do Barroco e do Classicismo. A abordagem estilizada abarca um largo espectro de atmosferas, incluindo a percussividade rítmica da dança rústica e o lirismo das melodias de sabor tradicional.

A obra começa com um *Tempo di ciaconna* que funde a forma da sonata clássica com a fantasia do Barroco. Dessa forma, uma verticalidade solene alterna com momentos polifónicos, evidenciando o contraste entre grupos

temáticos. A música tradicional húngara, a angularidade melódica e a vivacidade rítmica pontificam neste andamento, ao qual se segue uma fuga a três vozes que evidencia as possibilidades contrapontísticas do violino. À semelhança da fuga da Sonata BWV 1005, de J. S. Bach, o tema é transformado e constantemente trabalhado. Posteriormente, a horizontalidade é convertida em verticalidade, e o tema transforma-se em acordes executados com o arco ou em *pizzicato*. O terceiro andamento assemelha-se a um lamento baseado numa melodia angular sobre uma textura rarefeita. O final inclui três temas rápidos contrastantes, apresentados numa forma rapsódica. Esse andamento apresenta duas versões, uma que recorre a quartos de tom (e que será interpretada no presente recital) e outra dentro do espectro das doze notas. Assim, inovações na notação musical, decorrentes do trabalho etnomusicológico desenvolvido por Bartók, emergem no final. Os três temas são reexpostos na coda, que conclui uma obra que agrega elementos do Barroco, do Classicismo, do Romantismo e do Modernismo.

Johann Sebastian Bach

Eisenach, 21 de março de 1685

Leipzig, 28 de julho de 1750

Sonata para Violino solo n.º 3, em Dó maior, BWV 1005

COMPOSIÇÃO: c. 1720

DURAÇÃO: c. 23 min.

Apesar da sua ligação à música para tecla, J. S. Bach compôs uma quantidade assinalável de obras para violino, um instrumento que dominava. Além de concertos, destaca-se o conjunto de sonatas e partitas a solo. Pensa-se que essas obras foram escritas antes de 1720, quando Bach trabalhava para o Príncipe Leopoldo de Cöthen, dedicando-se sobretudo à música profana vocal e instrumental. Apesar de hoje integrarem o repertório do violino, as sonatas e partitas permaneceram desconhecidas até ao final do século XIX, quando a patrimonialização da música alemã fixou os cânones da música erudita ocidental. Nessa época, foram recuperadas por Joseph Joachim, um dos primeiros virtuosos a realizar gravações. A Sonata para Violino solo n.º 3, em Dó maior, BWV 1005, tem início com um andamento lento, numa textura de monodia à qual é adicionado o acompanhamento. Assim, remete para o *cantabile* da ópera num ritmo pontuado regular, no qual o percurso harmónico surpreendente, devido à suspensão e diferimento das resoluções, é mantido implícito. Assim, uma textura esparsa que remete para a *toccata*

intensifica o dramatismo despojado do *Adagio*. O segundo andamento é uma fuga baseada na melodia do coral luterano *Komm, heiliger Geist, Herre Gott*. Nessa forma, a melodia é exposta sucessivamente em várias vozes, sobre um contratema cromático descendente. Às exposições do tema são interpoladas secções mais livres. Posteriormente, Bach transformou por inversão os temas principais da fuga, apresentando-os novamente na forma original no final da peça. Destinada a um instrumento tradicionalmente monofónico, é uma das fugas mais longas do compositor. No *Largo* destaca-se uma textura a duas vozes, as quais estabelecem um diálogo nas exposições alternadas das melodias. A rarefação da textura enfatiza o movimento melódico da voz principal, de intensa expressividade barroca. A Sonata termina com um andamento cinético em movimento perpétuo, no qual a polifonia implícita, a duas e a três vozes, se combina com a direcionalidade que nos transporta para o culminar de uma obra canónica no repertório para violino solo.

NOTAS DE JOÃO SILVA

Michael Barenboim

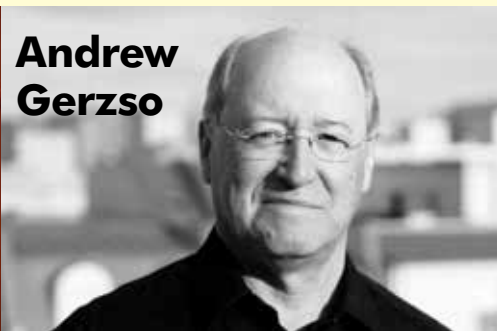


MICHAEL BARENBOIM © YANNICK PERRIN

Michael Barenboim nasceu em Paris em 1985 e começou a estudar violino aos sete anos de idade, em Berlim. Apesar do seu compromisso com as principais obras dos repertórios clássico e romântico, dedica-se também aos repertórios do século XX e contemporâneo, sendo especialmente reconhecido pelas suas interpretações. Colaborou intimamente com o compositor Pierre Boulez, cujas peças interpreta com regularidade em recital e com o Boulez Ensemble. Em abril de 2010 tocou *Anthèmes II*, de Boulez, na Ópera Estadual de Berlim, na presença do compositor.

A música de câmara é também um domínio para o qual o violinista reserva um espaço relevante na sua atividade, sendo membro fundador do Erlenbusch Quartet. Na presente temporada apresenta-se com o violoncelista Kian Soltani e o pianista Daniel Barenboim, numa série de concertos na Pierre Boulez Saal, em Berlim. Em fevereiro de 2018, Michael Barenboim estreou-se com a Filarmónica de Berlim, tendo interpretado o Concerto para Violino, op. 36, de Schönberg, sob a direção de Vasily Petrenko. Para além das suas atividades como solista, em concerto e recital, Michael Barenboim é concertino da West-Eastern Divan Orchestra e cultiva um forte e contínuo envolvimento com o ensino. É Professor Titular de Música de Câmara na Academia Barenboim-Said, na Alemanha, e orienta cursos de aperfeiçoamento em várias instituições em todo o mundo.

Andrew Gerzso



ANDREW GERZSO © PHILIPPE GONTIER

Andrew Gerzso nasceu no México. Estudou flauta e composição no Conservatório de Música da Nova Inglaterra, em Boston, no Instituto das Artes da Califórnia, em Los Angeles, e no Conservatório Real de Haia. Começou a colaborar com o IRCAM em 1977, tendo entretanto desempenhado neste instituto várias funções importantes nos domínios da pesquisa científica, da pesquisa musical e da criação. Em 1993 fundou o IRCAM Forum (comunidade de utilizadores de software IRCAM) um projeto multidisciplinar que se focou na difusão das tecnologias do IRCAM no domínio das artes do espetáculo. Desde 2012, Andrew Gerzso dirige o Departamento de Educação e Divulgação Cultural. Foi também o coordenador do projeto europeu Ulysses (2012-2016), destinado à criação e difusão de obras de jovens compositores. Entre 1980 e 1995, Andrew Gerzso trabalhou com Pierre Boulez nos seminários anuais no Collège de France. A partir de 1980, colaborou com Boulez no IRCAM para a realização eletroacústica das obras *Répons* (1981-85), *Dialogue de l'ombre double* (1985), *...explosante-fixe...* (1991-1995) e *Anthèmes II* (1997). As gravações de *...explosante-fixe...* e *Répons* (Deutsche Grammophon) receberam prémios *Grammy* em 1996 e 1999.

Andrew Gerzso publicou vários artigos sobre música assistida por computador em periódicos como *La Recherche*, *Pour la Science*, *Scientific American*, *Leonardo* e *Contemporary Music Review*.

Augustin Muller

AUGUSTIN MULLER © BAPTISTE CHOQUOÛET



IRCAM



Augustin Muller diplomou-se pelo Conservatório Nacional Superior de Música e de Dança de Paris em 2010. Especialista em música assistida por computador e em difusão de som, trabalhou em França e no estrangeiro com vários artistas e agrupamentos (Le Balcon, Ensemble Intercontemporain, International Contemporary Ensemble, 2e2m), bem como em festivais de música (*ManiFeste*, Bienal Musical de Veneza, Festival Berlioz, *Présences*).

Augustin Muller é membro do agrupamento Le Balcon desde 2008, e pertencente a uma geração confrontada com a questão da interpretação de repertórios mistos, trabalhando no IRCAM desde 2010 em projetos e concertos, bem como em trabalhos de pesquisa e novas obras com numerosos compositores (Michaël Levinas, Robert Platz, Henry Fourès ou Michael Jarrell, entre outros). Tem também estado envolvido em muitos projetos focados na conceção do som através da eletrónica e da tecnologia. Em 2014 foi responsável pela componente eletrónica e pelo desenho sonoro da ópera *Le Petit Prince*, de Michaël Levinas, para a Ópera de Lausanne, a Ópera de Lille e o Théâtre du Châtelet.

A nível mundial, o IRCAM (Institut de recherche et coordination acoustique/musique), dirigido por Frank Madlener, é um dos maiores centros públicos dedicados à expressão musical e à pesquisa científica. Neste local único convergem sensibilidades artísticas e inovações científicas e tecnológicas, juntando mais de 160 colaboradores.

A três principais atividades do IRCAM – criação, pesquisa, transmissão – são visíveis na sua temporada parisiense de concertos, nas digressões das produções em toda a França e no estrangeiro, e em dois importantes encontros anuais: *ManiFeste*, que combina um festival internacional com uma academia multidisciplinar, e o fórum *Vertigo*, que apresenta mutações técnicas e os seus efeitos tangíveis na criação artística.

Fundado em 1969 por Pierre Boulez, o IRCAM está associado ao Centre Pompidou, sob a tutela do Ministro da Cultura Francês. O laboratório misto de pesquisa STMS (Sciences et technologies de la musique et du son), residente no IRCAM, também beneficia do apoio do CNRS (Centre national de la recherche scientifique) e da Sorbonne Université.

O MELHOR BANCO EM PORTUGAL.

O BPI foi eleito “O Melhor Banco em Portugal” pelo Euromoney Awards for Excellence Country 2018.

A revista Euromoney atribuiu ao BPI o prémio Melhor Banco em Portugal em 2018, no âmbito da iniciativa “Euromoney Awards”. Esta classificação resulta da combinação de critérios quantitativos e qualitativos como a rentabilidade, crescimento, eficiência, qualidade, capacidade de inovação e compromisso social.

O vencedor deste prémio é selecionado pela equipa de editores, jornalistas e analistas da revista Euromoney, uma das mais conceituadas referências editoriais do setor financeiro a nível internacional.

O BPI exprime o seu orgulho por esta distinção e dedica-a especialmente a todos os seus Clientes.

Este prémio é da exclusiva responsabilidade da entidade que o atribuiu.



Grupo  CaixaBank

Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode igualmente perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alteração sem aviso prévio.

DIREÇÃO CRIATIVA

Ian Anderson

DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE

The Designers Republic

DESIGN GRÁFICO

AH-HA

TIRAGEM

200 exemplares

PREÇO

2€

Lisboa, Setembro 2018

